



Um retrato sobre a arte do pianista prodígio Vitor Araújo.¹

Fátima BABINI²
Riverson RIOS³

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

RESUMO

O presente artigo analisará a arte do pianista Vitor Araújo através de reflexões feitas por Friedrich Wilhelm Nietzsche sobre a música e sua relevância para a vida humana. Analisa também a mescla que o músico pernambucano faz entre música popular e música erudita, expondo a relação entre cultura popular *versus* cultura erudita com exemplo na obra de François Rabelais, bem como o conceito de *gênio* para o filósofo Schopenhauer – que tem sido uma das características mais associadas a Vitor.

PALAVRAS-CHAVE: Vitor Araújo; música popular; música erudita; gênio.

ABSTRACT

This article examines the art of the pianist Vitor Araújo through Friedrich Wilhelm Nietzsche's thoughts on music and its relevance to human life. Also, it analyzes the mixture that the musician from the state of Pernambuco makes between popular and classical music, exposing the relationship between popular versus scholarly culture as an example of François Rabelais' work, as well as philosopher Schopenhauer's concept of *genius* – which has been a characteristic associated with Vitor.

WORDS KEY: Vitor Araújo; popular music; classical music; genius.

INTRODUÇÃO

Na Alemanha, em 1844, nasceu Friedrich Wilhelm Nietzsche, um dos mais prestigiados filósofos do século XIX. Fortemente influenciado pelo também filósofo Schopenhauer e pelo compositor Richard Wagner, publicou sua primeira obra em 1871, batizada de *O Nascimento da Tragédia no Espírito da Música*, sendo essa reeditada em 1886, com o título *O Nascimento da Tragédia, ou Helenismo e Pessimismo*, onde o autor expressara

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática de Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante do 3º semestre do curso de Comunicação Social (Jornalismo) da Universidade Federal do Ceará – UFC.
E-mail: fahbabini@gmail.com

³ Orientador do trabalho e tutor do PET do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará – UFC.
E-mail: riverson@ufc.br



algumas observações a respeito da relevância da música como forma de arte e como declaração da vida.

O artigo está organizado da seguinte maneira: a seção 1 fala sobre o significado da música como arte para Nietzsche, baseando-se principalmente em suas citações do deus Dioniso e o do Uno Primordial, e a associação que podemos fazer deles com a arte do pianista Vitor Araújo. Na segunda seção é analisada a polarização entre a cultura popular e a cultura erudita no trabalho de Vitor, citado como exemplo o escritor François Rabelais, que já a experimentava em sua literatura renascentista. Por fim, encontraremos Schopenhauer e seu conceito de gênio na obra *O Mundo como Vontade e como Representação*, publicada em 1819, associando-o à desenvoltura do pianista.

1. O PIANISTA

No Brasil, em 2009, em uma entrevista ao portal G1⁴, o jovem pianista pernambucano Vitor Barros Barbosa de Araújo, na época ainda com 19 anos, disse que, para ele, música era nada:

Como eu não acredito em nada, a música acaba sendo tudo, então, eu gosto de considerar tudo músicas, tudo música. Então, cores... Eu vejo melodia em cores, eu vejo melodia em cheiros, eu vejo harmonia em coisas sensíveis ao tato, eu vejo música basicamente em tudo. Eu vejo música como sendo uma coisa inerente ao universo. Então música acaba sendo nada, ela acaba sendo uma consequência das coisas. É difícil explicar, mas eu acabo considerando música nada. Eu acho que ela é inerente ao que nós vivemos. (ARAÚJO, 2008)

Nietzsche citou em seus primeiros escritos⁵ dois impulsos artísticos da natureza: o apolíneo – referente ao deus Apolo – e o dionisíaco – referente ao deus Dioniso.

Apolo é o princípio de individuação, ou seja, a própria noção de tempo e espaço onde os fenômenos acontecem. É ele quem dá aparência visual às coisas, põe limites, molda um começo e um fim, colocando-as em medidas de tempo e espaço.

Enquanto isso, Dioniso não dá determinação às coisas. Ele é o deus do caos, da música – considerada arte universal – da não-forma física. Faz o homem sentir-se mergulhado em um ambiente onde todas as formas se perdem: o Uno-primordial, que figura o nada.

⁴ Disponível em <http://g1.globo.com/Noticias/Musica/0,,MUL708711-7085,00-REVELACAO+DO+PIANO+DE+ANOS+VAI+DE+GONZAGAO+A+RADIOHEAD.html>

⁵ Referência à obra *O Nascimento da Tragédia, ou Helenismo e Pessimismo*. (1886)



Talvez fosse a essa definição de Uno-primordial que Vitor se referia quando disse que, para ele, “música era nada”.

Para Viviane Mosé⁶, quando Nietzsche fazia referência à música, não estava falando sobre uma combinação de sons, mas sim de um *querer universal*, uma música ausente de forma. Ou seja: o dionisíaco. Esse chamado dionisíaco é o que caracteriza a afirmação da vida.⁷

Nietzsche afirmou ainda que “a música nos oferece momentos de verdadeiro sentimento”.⁸

Vitor, na mesma entrevista ao portal G1⁹, quando questionado sobre como definiria a música que faz, provavelmente estaria concordando de novo com o filósofo alemão ao responder que via “a música como sinceridade, tanto estética quanto sentimental. É você falar uma verdade sem precisar utilizar o verbo, se utilizando das notas e pela música”.

E justifica:

A partir daí é que surgiu o meu trabalho. Eu toco Villa-Lobos e improviso em cima dele com arranjos de músicas populares ou composições minhas. Eu já arranjei problemas por improvisar em cima de música erudita, mas ao mesmo tempo já conquistei muito sorriso e muitas lágrimas. Na verdade, é este o propósito da arte. (ARAÚJO, 2008)

2. POPULAR E ERUDITO

Nascido na cidade de Recife, em Pernambuco, no ano de 1989, Vitor Araújo ganhou destaque como o *enfant terrible*¹⁰ da música erudita por mesclar jazz e música clássica em suas primeiras apresentações. Polêmico, o pianista de All Star apareceu como o prodígio que pisava no piano – para enlouquecimento dos mais eruditos. Em seu *dualdisc* de estreia, *TOC*, gravado em 2008 no Teatro de Santa Isabel, em Recife, o garoto exibiu sua mistura nada convencional entre o contemporâneo e o popular com o erudito. Vitor deixa claro que, na hora de tocar, não faz distinção entre um estilo e

⁶ Autora do livro *Nietzsche e a Grande Política da Linguagem*. (2005)

⁷ Referência à penúltima obra de Nietzsche, *Crepúsculo dos Ídolos, ou Como Filosofar com o Martelo*. (1888)

⁸ Referência à obra *Nietzsche, biografia de uma tragédia*, de Rudiger Apud Safranski. (2005)

⁹ Disponível em <http://g1.globo.com/Noticias/Musica/0,,MUL708711-7085,00-REVELACAO+DO+PIANO+DE+ANOS+VAI+DE+GONZAGAO+A+RADIOHEAD.html>

¹⁰ De acordo com o *Webster's Dictionary*, *enfant terrible* é um termo francês usado para caracterizar alguém normalmente de sucesso e que é um forte inovador.



outro. Vai de Villa-Lobos a Luiz Gonzaga. É tudo música.

Gosto de tocar a música respeitando a essência de caráter e sentimento que o compositor depositou ali, mas da forma que me sinto à vontade, da forma que meus dedos pedem, ou da forma em que eu consiga somar ao sentimento primeiro, original, vindo do compositor, as minhas emoções como intérprete. Então, eu, como intérprete, não vou levar em conta se a música é considerada erudita ou popular, vou levar em conta se a música é considerada erudita ou popular, vou levar em conta apenas a mensagem que o compositor quer passar pro mundo e o sentimento que eu pretendo levar à plateia. (ARAÚJO, 2010)

A polarização entre a cultura popular e a cultura erudita não data dos dias atuais. Ela começou a partir do final da Idade Média, na Europa, surgida da necessidade de imposição das classes dominantes. O acesso ao chamado *conhecimento erudito* só era permitido a elas, formando uma ideia de que qualquer outra espécie de saber era inferior.

A cultura popular acabou criando um caráter de resistência à dominação, pois sua concepção, tendendo a ser desenvolvida pela elite cultural da sociedade, tinha que se opor às formas externas, voltando-se para um universo próprio, constituído de saber em si mesmo. A questão popular *versus* erudito estava mais ligada aos relacionamentos entre divergentes classes sociais do que ao que significavam de fato.

Segundo José Luiz dos Santos:

O que devemos reter dessas discussões é o quanto as concepções de cultura e o próprio conteúdo da cultura estiveram sempre associados às relações entre as classes sociais: a oposição entre cultura erudita e cultura popular é um produto dessas relações. Notem que essa oposição permanece mesmo mudando o conteúdo do que pode ser considerado erudito ou popular. (...) Isso tudo nos leva a pensar quão enganosa pode ser a polarização entre cultura popular e cultura erudita. Ela cria problemas falsos, e se esvazia em confronto com a realidade social. Ela se sustenta em bases frágeis, pois as preocupações com a cultura popular são preocupações da cultura dominante e suas elites, o que mina na base aquela polarização. (SANTOS, 1983).

Um dos exemplos mais significativos para ilustrar a fragilidade dessa polarização da cultura está no escritor francês François Rabelais, conhecido pela maneira nada



convencional de unir popular e erudito em sua literatura renascentista. Analisado por Mikhail Bakhtin, Rabelais, mesmo tido como um homem erudito, utilizava o humor popular em suas obras, sobretudo no que se referia ao grotesco e/ou carnavalesco:

(...) durante o Renascimento o riso na sua forma mais radical, universal e alegre, pela primeira vez por uns cinquenta ou sessenta anos (em diferentes datas em cada país), separou-se das profundezas populares e com a língua “vulgar” penetrou decisivamente no seio da grande literatura e da ideologia “superior”, contribuindo assim para a criação de obras de arte mundiais (...). (BAKHTIN, 1977)

As fronteiras entre esses dois grupos sociais, o de *cultura oficial* (a elite) e o de *cultura não-oficial* (o povo), ainda de acordo com Bakhtin:

(...) deviam fatalmente cair nessa época, em parte porque essas fronteiras, delimitando os setores-chave da ideologia, atravessavam a linha de divisão das línguas: latim e línguas vulgares. A adoção das línguas vulgares pela literatura e certos setores da ideologia devia temporariamente destruir ou pelo menos diminuir essas fronteiras. (BAKHTIN, 1977)

Mesmo possuindo uma formação erudita desde os primeiros passos na música, aos nove anos de idade, devido ao estudo no Conservatório Pernambucano de Música, Vitor alia o *oficial* ao *não-oficial* para definir seu estilo, combinando o moderno ao clássico. “Tenho um olhar jazzista, faço rearranjos, improvisos. Também toco para um público que não é acostumado à música erudita, e isso chama mais atenção. É a inserção de um mundo em outro”, afirmou em uma entrevista para a Associação Criança Cidadã.¹¹

Foi justamente essa mescla inusitada entre o erudito e o popular que o levou à lista dos dez gênios brasileiros do ano de 2010, feita pela Revista Galileu¹², indicando-o como uma das maiores promessas da música nacional.

3. CONCEITO DE “GÊNIO” PARA SCHOPENHAUER

Na coleção de prêmios, a Menção Honrosa no Concurso Magda Tagliaferro, em São Paulo; o primeiro lugar nos Torneios Pernambucanos de Piano de 2001 e 2005; o Melhor Intérprete de Música Brasileira, no Torneio Josefina Aguiar; o de Artista

¹¹ Disponível em <http://www.associacaocriancacidada.org.br/verMateria.php?id=59>

¹² Disponível em <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI157211-17773.00-GENIOS.html>



Revelação da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA), em 2008, que é um dos prêmios mais importantes de Artes do país, e o Candango de Melhor Trilha Sonora para Curtas do Festival de Cinema de Brasília, em 2009.

Em 2007, participou também da Mostra Internacional de Música de Olinda (MIMO), apresentando-se no Convento de São Francisco ao lado de grandes nomes da música, como Antonio Menezes, Naná Vasconcelos e Yamandú Costa.

Além disso, em 2009, participou como representante musical do TEDx¹³ em São Paulo, um evento recente que reúne pensadores brasileiros de distintas áreas.

Das muitas alcunhas que vem colecionando desde essa época, *gênio* talvez seja uma das melhores que se encaixam no perfil de Vitor.

Segundo Schopenhauer, o conceito de *gênio* pode ser aplicado aos que conseguem ter sua vontade sobressaída pelo intelecto, criando assim oportunidades para a criação de trabalhos artísticos ou acadêmicos repleta de contemplação embevecida.

Para ele, a obra do *gênio*:

(...) reproduz as ideias eternas, apreendidas mediante pura contemplação, o essencial e permanente de todos os fenômenos do mundo, e conforme a matéria em que ela reproduz, se constitui em artes plásticas, poesia ou música. Sua única origem é o conhecimento das ideias; seu único objetivo, a comunicação deste conhecimento. (SCHOPENHAUER, 1819)

Ainda para Schopenhauer,

Somente mediante a contemplação pura (...), inteiramente absorvida no objeto, as ideias podem ser captadas, e a essência do gênio consiste justamente na capacidade predominante para tal contemplação: como esta requer um esquecimento completo da própria pessoa e de suas relações; assim a *genialidade* nada mais é do que a mais perfeita *objetividade* (...), orientação objetiva do espírito, contraposta à subjetiva, dirigida à própria pessoa, (...), à vontade. (SCHOPENHAUER, 1819)

Dessa forma, a genialidade é compreendida como uma capacidade de seguir a intuição, perder-se dentro dela, e arrebatado o conhecimento, cujo único sentido de existência era

¹³ O TED é uma fundação privada sem fins lucrativos dos Estados Unidos, fundada em 1984, que realiza conferências com o objetivo de difundir ideias inovadoras. Realizou sua primeira conferência em 1990, criando em 2009 o TEDx, sendo esse responsável por eventos locais, com o mesmo objetivo. O primeiro evento TEDx brasileiro aconteceu em São Paulo, no ano de 2009, com o tema “O que o Brasil tem a oferecer ao mundo hoje?”. Vitor Araújo não só foi selecionado com êxito para participar, como também encantou o público que assistiu a sua apresentação.



perder-se dentro dela, e arrebatado o conhecimento, cujo único sentido de existência era esse. Os indivíduos *gênios* desfazem-se de suas personalidades temporariamente para:

(...) permanecer como *sujeito puro do conhecimento*, límpida vista do mundo: e isto não por instantes, mas durante o tempo necessário, e com tal circunscrição, para reproduzir o apreendido mediante uma arte estudada, e assim “o que para apreendido mediante uma arte estudada, e assim “o que para em imagens oscilantes, ser firmado em pensamentos permanentes”. Tudo se passa como se, para o gênio se mostrar num indivíduo, a este deve ter correspondido uma medida de força intelectual bem superior à necessária ao serviço de uma vontade individual; excedente livre de conhecimento, constituindo agora um sujeito isento de vontade, espelho luminoso da essência do mundo. (SCHOPENHAUER, 1819)

Por isso é que os indivíduos geniais não conseguem preencher a própria consciência de forma satisfatória: são seres vivamente perturbados, insaciáveis, logo sua dedicação aos seus objetos de admiração é permanente. Enquanto os mortais comuns conseguem se satisfazer com a mediocridade do seu presente, criando um dia-a-dia acomodado, os gênios recusam-se a se completarem com pouco.

Schopenhauer destacou que, comparado a todos os homens:

O gênio possui diante deles somente o grau muito superior e a persistência maior deste modo de conhecimento, vantagem que lhe garante a reflexão requerida para reproduzir, numa obra arbitrária, o assim conhecido, reprodução que é a obra de arte. Através dela, ele comunica aos outros a ideia apreendida. Esta permanece inalterada; por isto o prazer estético é essencialmente único, seja originado por uma obra de arte, ou de forma imediata pela intuição da natureza e da vida. A obra de arte é somente um meio de facilitar este conhecimento em que consiste aquele prazer. Se percebemos com mais facilidade a ideia na obra de arte, do que imediatamente na natureza e na realidade, isto é devido a que o artista que conheceu apenas a ideia e não mais a realidade também reproduz em sua obra unicamente a ideia, isolando-a da realidade, suprimindo todas as contingências perturbadoras. (SCHOPENHAUER, 1819)

O artista nos empresta os olhos para que possamos enxergar o mundo através deles. Schopenhauer (1819) já afirmava que os que conheciam o essencial das coisas, possuindo esse olhar de mundo especial, constituíam “o dom do gênio, o inato”, e que, aos nos emprestarem seus olhos, nos daria a capacidade de enxergar a sua arte também.



A arte é uma anestesia, o artista faz arte por necessidade. Eu acho que um palhaço é um palhaço por necessidade. Ele precisa ser um palhaço. Eu preciso estar no palco, é uma necessidade minha. Se eu não colocar as minhas euforias e angústias pra fora, gritando da minha forma, no caso indo pro palco e tocando do meu jeito, eu não sei como é que vou fazer. Eu sequer me imagino em sociedade sem poder gritar os meus sentimentos ali no palco. (ARAÚJO, 2008)

Certa vez, no começo de uma apresentação, Vitor disse que se tornara pianista por uma questão de instinto. Tal qual o gênio de Schopenhauer, que não consegue justificar sua atividade por ela ser realizada através do instinto, “ele opera, como no dizer popular, unicamente mediante o sentir, e inconscientemente, instintivamente mesmo”. (SCHOPENHAUER, 1819)

CONCLUSÃO

Vitor Araújo é, indubitavelmente, uma revelação da música nacional. Sua obra avaliada sob um ponto de vista filosófico nos faz perceber que os conceitos se encaixam perfeitamente quando se fala sobre arte. A música de Nietzsche pode ser a mesma música de Vitor, que pode ser a mesma música sua, ou a mesma música minha: uma busca para suportar a dor do sofrer humano, conseguindo, assim, uma afirmação para a *vontade de viver*. Não importa se a arte humana é classificada como popular ou erudita ou qualquer outra coisa, o que importa é sentir a entrega a um mundo de inconsciência transbordado de totalidade. Apesar das críticas cruéis dos mais eruditos, a quebra de padrões do garoto torna-se inevitável. Quando seus dedos frenéticos começam, tal qual um gênio, ele contempla seu objeto de apreciação fugindo da razão, jogando-se no intemporal. Vitor Araújo é, de fato, um gênio contemporâneo. Ao ouvir o seu piano e assistir ao seu comportamento peculiar como pianista, percebe-se que Nietzsche tinha razão em dizer que “sem música a vida seria um erro”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

_____. **Erudito, quase pop**. Revista Galileu. n° 229. São Paulo, 2010.

ALBUQUERQUE, Fernando de. **Maracatu erudito**. <http://www.revistaogrito.com/>, 2008, online. Disponível em <<http://www.revistaogrito.com/page/blog/2008/05/26/vitor-araujo-toc-ao-vivo-no-teatro-santa-isabel/>> Acesso em 02/07/2011.



AMPLA, Revista da. **#makingof: Vitor Araújo e Paulo André ou inovação na música é sempre bem vinda.** <http://revistadaampla.posterous.com/>, 2010, online. Disponível em <<http://revistadaampla.posterous.com/makingof-vitor-araujo-e-paulo-andre-ou-inovac>> Acesso em 01/07/2011

ARALDI, Clademir Luís. **As Criações do Gênio - Ambivalências da "Metafísica da Arte" Nietzscheana.** *Kriterion*, Belo Horizonte, vol.50, nº 119, junho. 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2009000100006> Acesso em 01/07/2011.

AZEVEDO, Erika. **Aos 18 anos, pianista Vitor Araújo mistura popular e erudito em show gratuito.** <http://oglobo.globo.com/>, 2008, online. Disponível em <http://oglobo.globo.com/cultura/mat/2008/03/31/aos_18_anos_pianista_vitor_araujo_mistura_popular_erudito_em_show_gratuito-426615849.asp> Acesso em 01/07/2011.

BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais.** Tradução de Yara Frateschi. 4 ed. São Paulo, 1999, Editora da Universidade de Brasília.

DIAS, Rosa Maria. **A Influência de Schopenhauer na Filosofia da Arte de Nietzsche em O Nascimento da Tragédia.** <http://www.fflch.usp.br/df/gen/pdf/cn_03_01.pdf> Acesso em 06/07/2011.

MAGIOLI, Ailton. **As novidades de Vitor Araújo.** <http://www.clubedejazz.com.br/> 2008, online. Disponível em <http://www.clubedejazz.com.br/noticias/noticia.php?noticia_id=615> Acesso em 05/07/2011.

MORTIMER, Bernardo. **Vitor Araújo.** <http://www.clubedochoro.com.br/>, 2009, online. Disponível em <http://www.clubedochoro.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=209> Acesso em 05/07/2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **O Nascimento da Tragédia, ou Helenismo e Pessimismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

PAULA, Célia Evangelista de. **Nietzsche e a música: considerações do filósofo sobre a música como proposta de afirmação da vida.** 2006. Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Filosofia 2005/2006, Departamento de Filosofia, Universidade de Brasília, Disponível em <http://www.consciencia.org/monografia_nietzsche-celia.shtml> Acesso em 05/07/2011.

RAULINO, Milton. **Segundos passos de Vitor Araújo.** <http://www.associacaocriancacidada.org.br/>, 2010, online. Disponível em <<http://www.associacaocriancacidada.org.br/verMateria.php?id=59>> Acesso em 04/07/2011.



REDAÇÃO. **Pianista prodígio Vitor Araújo toca no SESC Paulista.** <http://catracalivre.folha.uol.com.br>, 2009, *online*. Disponível em <<http://catracalivre.folha.uol.com.br/2009/03/pianista-prodigio-vitor-araujo-toca-no-sesc-paulista/>> Acesso em 02/07/2011.

REGUEIRA, Chico. **Revelação do piano de 19 anos vai de Gonzagão a Radiohead.** <http://g1.globo.com>, 2008, *online*. Disponível em <<http://g1.globo.com/Noticias/Musica/0,,MUL708711-7085,00-REVELACAO+DO+PIANO+DE+ANOS+VAI+DE+GONZAGAO+A+RADIOHEAD.html>> Acesso em 03/05/2011.

RENNÓ, Júlio. **Outros Críticos entrevistam Vitor Araújo, músico.** <http://outroscriticos.blogspot.com>, 2010, *online*. Disponível em <<http://outroscriticos.blogspot.com/2010/03/outros-criticos-entrevistam-vitor.html>> Acesso em 02/07/2011.

SANTOS, José Luiz dos. **O Que é Cultura.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O Mundo como Vontade e como Representação.** Trad. Jair Barboza. São Paulo: Ed UNESP, 2005.

TEDx São Paulo. **Palestrantes.** Disponível em <<http://www.tedxsaopaulo.com.br/palestrantes/>> Acesso em 03/07/2011.